

Boa dia a todos,

Começo por cumprimentar os elementos presentes, a vereadora Dr.^a Jaqueline Areias, o Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Arq.^o Benjamim Pereira, o Professore Doutor José Paiva, em representação do Reitor da Universidade do Porto e a Professora Doutora Teresa Calix, em representação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, assim como a todos os presentes.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Câmara Municipal de Esposende, ao arquiteto Viana de Lima e à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, pela iniciativa deste prémio.

Agradeço também, aos meus professores, amigos e família por me terem acompanhado com confiança, amizade e convicção, no meu percurso, tanto académico, como pessoal. São eles os responsáveis pela honra de hoje estar aqui presente.

Decidi dividir o discurso nos 3 momentos que marcaram o meus últimos anos.

Quando era criança, nunca tive a ambição de ser arquiteta.

Copiava os quadros a óleo do Picasso e dizia, quero ser pintora.

Mais tarde, adicionei uma nova dimensão, quando reproduzia as esculturas de folha metálica de Ângelo de Sousa. Queria ser artista.

Finalmente, aos 18 anos, procurei nessas mesmas esculturas a escala, a luz e a função. Foi aí que decidi, quero ser Arquiteta.

Assim, A Faculdade de arquitetura da Universidade do Porto, escola onde cresci e formei a minha personalidade, foi o primeiro e mais importante momento deste percurso.

A faculdade simbolizou uma experiência colectiva notável na minha vida como estudante, das conversas à volta da mesa, às viagens que acompanharam o curso. Uma aprendizagem constante, em todos e os mais variados sentidos.

A sua metodologia de ensino é particular, com base nos seus próprios princípios de desenho. Aquilo que alguns consideram conservador, eu considero sólido.

O que mais valorizo na escola, não é a conceituada exigência do seu ensino, mas sim a consciência da exigência que os alunos devem ter com eles próprios.

Hoje, percebo que arquitetura não foi apenas uma escolha profissional, mas foi certamente uma base determinante na minha experiência pessoal e maturação intelectual.

Dei por terminada esta etapa, quando chegou o momento de sair e descobrir que a aprendizagem não se restringia apenas aquelas 4 torres brancas. É aqui que surge o segundo momento deste discurso, o ano de intercâmbio.

Vivi um ano em Santiago do Chile, um marco na minha vida, onde a adaptação e permanência a distinguiram de qualquer tipo de viagem.

Uma cidade e cultura novas, das quais tirei o maior partido da sua singularidade.

Um escola nova (diferente) que me proporcionou uma série de oportunidades e me obrigou a superar uma série de ideias e preconceitos. Foi necessário compreender a mentalidade e as ferramentas do lugar.

Complementar a todo o ensino prático, fiz a grande a viagem pela América de Sul que se encarregou do inconsciente, humano e sensível.

Durante 70 dias viajei de mochila por todo o continente. Foi a experiência mais importante da minha vida, conhecer, absorver e experienciar a sabedoria dessas culturas. Fui ao deserto de areia e do sal, vi e nadei no pacífico, mas posso afirmar que o momento mais impressionante foi seguramente a chegada a Machu Picchu. Uma paisagem emocionante e transcendente a qualquer saber, pela combinação perfeita da humanização com a natureza.

Foi nesta viagem que aprendi que o saber da arquitetura provém, tanto do conhecimento e aprendizagem como, fundamentalmente, da sensação e emoção.

Hoje, guardo com enorme carinho esta experiência e tenho uma saudade constante dos amigos, da luz, do som e do cheiro, que recordo.

Por fim, o último momento do meu discurso resume-se a uma questão. E agora?

Não pretendo focar-me no tema da crise, porque considero que não explica toda a dimensão do que significa ser arquiteto. Quero antes expressar o meu descontentamento sobre as condições atuais desta profissão.

Não me assusta a emigração, nem a procura de melhores salários no estrangeiro, até porque já tive um pouco dessa experiência nos 6 meses que trabalhei em Madrid. Assusta-me sim, a perda de dignidade, quando vejo a minha geração sujeitar-se às mais absurdas condições de trabalho.

Não existem contratos e os salários a existirem são mínimos, impossibilitando qualquer um de se tornar inteiramente independente, dentro do seu próprio país. O grave desta situação é, que não é temporária:

banalizou-se. Não usem a crise como desculpa, existe é verdade, mas tem de deixar de ser um pretexto constante para justificar estas situações limite.

Há que ter orgulho e respeito por esta profissão, que apesar de todas estas adversidades, continuam a ser preenchidas todas as vagas nas faculdades de arquitetura.

Isto significa que se não há honra, sei que pelo menos ainda há amor.